



Oralidades e Memórias: Experiências de Discriminação nas Migrações de indígenas para Parintins-Amazonas¹

Edgar Viana de ARAÚJO JÚNIOR²
Júlio Claudio da SILVA³

RESUMO

Nossa comunicação versará sobre os processos migratórios indígenas da etnia sateré-mawé da área indígena para a zona urbana da cidade de Parintins, Amazonas, localidade de preferência desta etnia pela sua proximidade, onde visam encontrar novas oportunidades de vida. Enfatizando os relacionamentos étnicos-raciais nos quais estão inclusas as experiências de interação social dos novos habitantes da cidade, pois estes após sua inserção na sede começam uma nova forma de trabalhar e viver. Para o desenvolvimento da pesquisa adotamos a metodologia da História Oral. Esta metodologia de pesquisa possibilita dar voz aos sujeitos da pesquisa e registrar suas memórias sobre as experiências de migração e relações étnico-racial, pois as experiências vivenciadas por estes indivíduos e grupos permanecem perdidas e em silêncio se não forem buscadas através das ferramentas que a metodologia proporciona nas palavras de seus guardiões. Pois as fontes orais registram os processos de construção de memórias de experiências individuais ou de grupos, possibilitando emergir aspectos da história ou acontecimentos que muitas vezes não são registradas por não pertencerem a uma classe social ou serem colocadas numa posição não muito relevante para a construção de uma trajetória histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; História Oral; Sateré-Mawé; Indígena Urbano.

Introdução

As etnias indígenas brasileiras têm tido ao redor do país e de sua história uma carregada e marcante trajetória de dificuldades enfrentadas desde a escravidão a forma de apagamento da própria história. uma das atuais dificuldades enfrentadas por estes personagens e a discriminação e o preconceito sendo estes evidenciados em episódios

¹ Trabalho apresentado no GT 12 Oralidade e Memória na Pan-Amazônia do III SISCULTURA.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins. Email: junioredgar792@gmail.com

³ Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins. Email: julio30clps@gmail.com



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



que cuja as próprias testemunhas são condizentes com a situação pois a caracterização e a cultura do outro é ensinado desde o berço a ser ignorado e tratado como o errado havendo uma total falta de austeridade e essas questões da própria sociedade são os fomentadores de conflitos que acontecem desde o sair de casa, dentro de escolas e durante o trabalho.

Essa discriminação e preconceito podem ser vistas em discursos políticos e na própria história do país a há também uma questão de perda de cultura pois há um senso comum do que define o indígena como suas vestes e características. Portanto, para alguns, e improvável que um indígena possa possuir bens de consumo como celular pois a partir do momento em que ele passa a ter esses itens em sua vida ele deixa de pertencer a sua etnia e torna-se um “civilizado”.

A história do tempo presente é um campo de estudos que faz parte da historiografia contemporânea, algo recente neste campo científico pois a história recente não era feita por historiadores. Essa temática era inicialmente feita por outras ciências humanas e sociais, como a Sociologia e Antropologia, mas a história oral permitiu aos historiadores uma janela para a pesquisa do passado mesmo ele tendo acontecido não muito tempo atrás. O que se considera tempo presente na historiografia parte-se do recorte temporal do ano de 1945 como uma ruptura, o final da Segunda Guerra Mundial, e deste recorte cronológico pôde-se começar a fazer alguns dos primeiros estudos nesse campo. A partir da utilização da história oral foram feitas pesquisas usando como fonte as entrevistas de ex-combatentes de guerra e testemunhas de fatos do ocorrido através das suas memórias (POLLAK, 1992; MOTTA, 2012). E assim o historiador pode reconstruir o passado recente problematizando-o e procurando uma representação crítica deste novo pretérito não o eliminando, mas reinterpretando-o a partir de teorias e fontes que a historiografia oferece (MOTTA, 2012).

A história oral segundo Ferreira (2011), teve seu surgimento se por definição quando o gravador de fita viesse a ser inventado no ano de 1948 pois este permitiria a tão importante entrevista para o pesquisador analisar e contextualizar as falas que o seu colaborador/fonte lhe reproduz, apesar de Heródoto e entre outros estudiosos da antiguidade já utilizarem o método de ouvir e transcrever os acontecimentos, esse



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



aparecimento no meio acadêmico teve por início em outras áreas das ciências humanas como a sociologia e antropologia já que estas estavam mais centrados a estudos sobre o tempo mais presente. Não muito mais tarde surgiria nos EUA em Nova York um programa na universidade de Columbia especificamente voltado a essa área de pesquisa o que seria a ruptura para que a História Oral se espalhasse para o mundo como uma metodologia de pesquisa não só para a historiografia, mas também para as mais diversas áreas do conhecimento humano. No decorrer de sua utilização até os dias atuais ela passou por várias fases como História oral militante” que teve uma grande repercussão nos anos de 1960. No Brasil chegaria por volta do ano de 1975 e logo após sua chegada foram feitas diversas pesquisas utilizando-se dessa metodologia além de muitos institutos criados por todo o Brasil em prol de pesquisas feitas dessa forma esse grande fomento da história oral brasileira que nos seguintes integraram-se aos eventos de cunho nacional e internacional de pesquisas envolvidas com história oral.

A metodologia da história oral deve ser entendida, através de seu estatuto no qual a define exatamente o que ela é e o que ela não é e principalmente suas possibilidades e barreiras (FERREIRA, 2012). Na história oral existem três grupos que a entendem a sua própria maneira o primeiro grupo a coloca como uma técnica a qual é de grande auxílio para a obtenção de gravações, transcrições, e conservação de entrevistas mas, a partir deste ponto de vista a metodologia e a teoria não podem ser aplicadas já que sendo uma ferramenta apenas serve para um complemento a pesquisa esse grupo é geralmente formado por cientistas sociais que utilizam-se de outras fontes como as documentais para a obtenção de seu trabalho e eventualmente usam a história oral para a pesquisa.

O segundo grupo considera a história oral é como uma disciplina e estes utilizam-se de argumentos complexos que por vezes contrariam-se e por unanimidade consideram que a história oral implantou técnicas e metodologias a pesquisa acadêmica criando assim um espaço singular e uma própria categoria de conceitos que norteiam tanto a técnica quanto metodologia. Mas, quando são questionadas quais ideias e quais características fazem da história oral uma disciplina os seus defensores entram em desacordo pois os argumentos que usam são por diversas vezes contrários aos seus



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



conterrâneos fazendo com que esses argumentos se tornem sem consistência (FERREIRA,2012). E por fim existe grupo que considera a história oral como um método investigativo ou em outras palavras uma metodologia de pesquisa científica com todas as implicações e limitações que qualquer outra metodologia possui mas, que atua tanto na prática quanto na teoria só que na teoria está colocada apenas ao papel de levantar hipóteses sobre uma problemática as soluções e explicações devem vir de um trabalho em conjunto com a historiografia e teorias da história pois nesta últimas se resguardam os conceitos e sentidos para se pensar as problemáticas produzidas pela pesquisa.

A história oral de acordo Alberti (2011), permite as pesquisas trabalharem com a memória mesmo sendo subjetiva pois essa metodologia deixa que o pesquisador possa adentrar uma campo de estudos chamado “história de experiência” se a pesquisa consisti no relato de experiência de um indivíduo faz com que o historiador/pesquisador possa aproximar-se empiricamente do que o historiador Lutz Niethammer chama de “histórias dentro da história” que por sua vez permite o pesquisador a fazer problematizações de teorias macrosociológicas sobre o passado.

A história oral produz documentos através das entrevistas que se tornam posteriormente a fonte analisada faz com que o pesquisador possa através da análise do testemunho encontrar uma experiência de vida que tenha relação com o objeto de estudo (ALBERTI,2012). A história da experiência segundo Lutz Niethammer e o que deixa os pesquisadores de história oral mais próximos do que ele considera o significado de história dentro da história. Como a história oral permite obter o conhecimento sobre diferentes modos de vida e de vivências de grupos sociais partindo de uma memória ao qual esses grupos sociais e modos de vida geraram o que torna a memória um objeto que possa a ser analisado através dos testemunhos de seus guardiões pelo método da história oral que torna-se um instrumento necessário para a com a pluralidade e sua fragmentação pois a memória é flexível e pode ser reconstruída.

A memória para Motta (2012) e para alguns autores que trabalham com a metodologia da história oral como Michel Pollak e Maurice Halbwachs entendem que ela é algo construído no íntimo do indivíduo ou até de um coletivo onde se encontram as



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



noções de realidade que esse grupo/pessoa ao criar sua memória demonstra entender, mas essa memória está sujeita a mudanças e transformações ao decorrer do tempo. Apesar da memória ter uma característica de estar em constante mudança e transformação existem traumas ou momentos da memória em que não se alteram. A memória também é uma fonte histórica pois elas ao serem recordadas demonstram contradições, elos e visões distintas sendo possível assim analisá-las criticamente para que possam desconstruir outras memórias consagradas.

A partir de Motta (2012) em muitas pesquisas de história oral onde ocorrem as entrevistas e notável que o entrevistado ao descrever seu relato retoma várias vezes um mesmo acontecimento e no decorrer da entrevista é perceptível que há momentos que são invariantes. Esses casos ocorrem tanto em memórias criadas tanto coletivamente quanto individualmente o que faz com que haja uma solidificação da memória pois o ocorrido teria sido tão traumatizante que se tornaria até parte da própria essência e personalidade do grupo ou indivíduo essa memória é descrita pelo autor Michel Pollak como uma “memória por tabela” no caso seriam eventos que o grupo ou o sujeito viveu ou sente que pertence ao fato ocorrido mesmo que não participando diretamente mas que em sua mente toma tamanha importância que torna-se quase impossível o grupo ou sujeito saber se participou ou não. A memória se constitui de acontecimentos vividos pessoalmente ou coletivamente em momentos da vida do sujeito/grupo os quais formam partes importantes da própria personalidade tornando esse indivíduo/grupo um portador de um passado único assim é importante verificar os elementos que formam essa memória pois além de ser formada na lembrança também é construída no esquecimento pois o grupo pode recordar certos eventos e esquecer de outros elementos do evento no caso a criação de memórias consiste na escolha de fatos que o guardião da memória considera importante essa análise permite ao pesquisador entender a relação do passado e do tempo presente. A outra forma da qual a memória se constitui é a qual o pesquisador Michel Pollak denomina “memória por tabela” esse acontecimento se dá quando um evento ou uma identificação forte com um passado de um sujeito ou grupo ocorre ou seja essa memória se projeta nesse sujeito/grupo de forma intensa mesmo que nunca tenham chegado a presenciar diretamente o fato ocorrido. Desta forma, esta

consentido em Motta (2012), que é certo afirmar que existem eventos que podem traumatizar muito um grupo ou indivíduo que este por sua vez pode se inserir neste evento de tal forma que não consiga até mesmo diferenciar se estava ou não no fato ocorrido mesmo que não tenha participado diretamente demonstrando assim um grande grau de identificação com o evento:

Se destacarmos essa característica flutuante, mutável da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronologia não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinadas períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudança. em certo sentido, determinado número de elementos torna-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 2)

Memórias da migração, memórias da discriminação

No caso das entrevistas realizadas com o indígena da etnia Sateré-Mawé José Ferreira de Souza (conhecido também como “Zezinho”) e com seus familiares (seu filho Alcimar de Souza) é demonstrado a repetição de uma experiência proporcionada pela migração feita por essa família da sua moradia na reserva indígena de nome ponta alegre próximo do distrito de João madeira para sede da cidade de Parintins onde essas pessoas começariam a passar por episódios em locais específicos da rotina de seu dia-a-dia que não haviam passado em seu antigo lar. O conjunto familiar formado por “José Ferreira de Souza” (1973-2017) que possuía um cargo de importância na sociedade da etnia Sateré-Mawé o qual herdou de seu pai e zezinho em seguida explica que seu pai lhe concede o cargo de capitão geral da tribo Sateré Mawé após seu falecimento e que junto ao cargo de tuxaua (um outro cargo na hierarquia Sateré) comandam toda a população que se encontra no que ele define como sua nação. Em seguida temos a sua



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



esposa Ada da Costa Cabral que não se identifica como uma Sateré-Mawé, mas convive com eles desde seu nascimento na área indígena e por último seu filho Alcimar da Costa Souza este último nos dias atuais está exercendo as funções do cargo de seu pai pois este já apresentava em suas palavras forte empenho político para com as questões indígena.

O pai de “Zezinho” Francelino Gregório de Souza como já dito antes possuía um cargo hierárquico de Capitão da tribo sateré-mawé cuja a função seria a de comandar junto ao tuxaua(um outro cargo de importância na sociedade Sateré-Mawé) a nação uma posição de extrema necessidade pois este que ocupava o cargo deveria estar sempre a estar a par de soluções para os problemas que surgissem na área indígena e com sua nação. este cargo só pode ser repassado para descendentes do sexo masculino do atual detentor do cargo se o atual detentor não possuir um o membro mais próximo da família assumira como um irmão ou sobrinho.

A própria questão da convivência com o diferente causava conflitos entre os novos moradores (indígenas) e os antigos moradores da cidade e mesmo após o estabelecimento ainda residem ressentimentos de experiências passadas e os estereótipos que permanecem na sociedade “civilizada” essa sensação é notada pelos moradores que se reconhecem etnicamente como indígenas. Pois sentem que sua simples presença é um incômodo alheio, apesar do tempo de estabelecimento na residência e no bairro ainda parece que seus vizinhos apresentam ressentimentos quanto as primeiras experiências proporcionadas pelo primeiro contato com os novos moradores. No relato de Zezinho: “Faz muito tempo que nós chegamos aqui... 20 e poucos anos... Aqui era... Índio já viu como é né? Quando barco chegava lá tudo ficava admirado... Hoje a gente passa aí... Têm Às críticas pra mim não valem nada...”. Indagado sobre a natureza da crítica recebida, prontamente responde. “A gente é índio, índio come isso, toma aquilo... Que índio é lascado... É... Por causa de adulação de dizer ah tu é índio, tu come saúva e é preguiçoso não sei quê... Ele partia pra cima...”⁴

A experiência do senhor Zezinho e seus familiares, com a discriminação, pela sua condição de indígena, parece ter ocorrido nas suas chegadas na sede da cidade de

⁴ Gravação de 08 de maio de 2017 entrevistado: José Ferreira de Souza

Parintins e em locais onde tais discriminações deveria ser combatida.

O intuito do senhor “Zezinho” ao migrar para a sede da cidade de Parintins era a de encontrar uma melhor qualidade de educação já que seu antigo local de moradia não atendia as suas necessidades. Contudo teria se dado nas escolas os episódios de discriminação mais recorrente nas falas do senhor Zezinho: “ Meu filho tem 40 anos, brigava muito aí... Por causa de adulação de dizer ah tu é índio, tu come saúva e é preguiçoso não sei quê... Ele partia pra cima...”⁵

No decorrer das entrevistas e notável o aparecimento de questões de preconceito como e é o caso da entrevista com Alcimar que demonstra em alguns trechos de seu relato que o preconceito as etnias indígenas ocupam vários espaços da sociedade até mesmo onde essa atitude deveria ser incentivada a não existir como nas escolas onde Alcimar estudou e segundo ele a sala se dividia em pessoas que queriam aprender sobre a sua cultura e aquelas que formavam um grupo que não tolerava a presença deles dentro de uma sala de aula ou mesmo na cidade essa questão ainda seria levada para a sala de aula de uma universidade do estado:

“...Sofria isso na escola né? Era brincadeira de mau gosto né? Ah ele é índio, inclusive na época eu briguei com um colega meu que sempre bagunçava, tudo era ô índio, quando aparecia algum trabalho que era pra falar de índio, ele sempre levava pro lado de discriminação”.⁶

“...Tinha colegas nossos que queriam saber como era a nossa cultura e como que era a nossa convivência, mas tinha outros não que... tem até hoje né? Tem gente que não quer nem papo com índio né? Que não gosta... A gente não agrada a todos né? Tem gente que não gosta...”⁷

“...questão da faculdade também, tinham uns colegas meus que não se davam bem com a gente, por causa da questão indígena, porque eles dizem que índio só... Eu acho que o choque que eles levam e que... A gente só quer o bem-bom, eles sempre veem as nossas reivindicações, tem na mídia sempre reivindicando e questionando, mas eles pensam que a gente quer tudo a mão, tudo de bem. Mas não é assim também não, a gente que é índio sente na pele”.⁸

“Eu tinha um colega que falava assim: Ah não, esses índios querem demais, tem muita terra, não querem trabalhar, índio é preguiçoso, índio é isso... Sabe ele falou na lata, e a gente tinha que se defender né? Não é assim também não, a questão de ser preguiçoso, a questão é que o nosso modo de vida é outro, nossa

⁵ Gravação de 08 de maio de 2017 entrevistado: José Ferreira de Souza

⁶ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

⁷ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

⁸ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

cultura é outra. Não é o que eles pensam... O que a gente pensa... E... A gente sentia na pele essa questão aí de discriminação... Quando eles pensam que a gente quer que o governo dê pra gente, não, a gente só quer nosso espaço e lutar pelos nossos direitos”.⁹

Logo após os comentários de Alcimar ele também se utiliza de frases que remetem ao conhecimento sobre sua própria identidade pois apesar de todas as influências que a sociedade propõe a Alcimar ele ainda se vê como um indígena segundo suas palavras:

“Eu posso ser o que você é sem deixar de ser o que sou. Eu sempre falava isso pra eles, eu posso ser um deputado, um prefeito, mas nunca vou deixar de ser índio, eu posso chegar a qualquer cargo desse, mas sempre valorizando meus princípios indígenas, sempre levando minha identidade”.¹⁰

Alcimar conta outro caso de discriminação que aconteceu durante o período que trabalhava (não há especificação de seu ofício) no ano de 2013 quando o seu patrão descobre que havia sido furtado de algum pertence seu então todos os trabalhadores são colocados em fila e o patrão vai verificando cada um de seus contratados, mas quando chegou a vez de Alcimar por possuir uma condição étnica diferente das demais presentes seria acusado como autor do crime:

“Ele foi falando de cada um né? E quando chegou em mim ele falou: eu não conheço ele, ele é índio, ele é índio, não sei como é a vida dele.”¹¹

Em seguida após uma investigação séria provando que não teria sido Alcimar que teria cometido tal ato e depois da comprovação da sua inocência ele receberia um tratamento melhor vindo de seus colegas de trabalho e até mesmo recebendo desculpa do próprio patrão:

“Depois passaram a me conhecer realmente né? Que eu não era aquela pessoa, que eu era diferente... Eu saí de lá com a consciência tranquila, todos eles me

⁹ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

¹⁰ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

¹¹ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

gostaram, até ele(chefe) me elogiou e pediu desculpa pelo que ele tinha falado.”¹²

Conclusão

Ao ir em busca de seus objetivos educacionais “Zezinho” matriculou Alcimar (filho de Seu Zezinho) que ao vivenciar o ambiente escolar teve de enfrentar preconceitos raciais na escola que partia desde os professores a alunos e pulando de agressões verbais gerando até agressões físicas que continuaram até os anos de faculdade em geral seus principais motivadores de estereótipos nessa idade seriam as reivindicações que apareciam na mídia e que constavam uma realidade para pessoas “Não índias” que para elas as exigências pareciam demonstrar um interesse de pessoas que se acomodaram a serem supridas por meios mais fáceis fazendo parecer que o indivíduo indígena padecia de vontade própria para o trabalho. Esses fomentos de estereótipos proporcionados pelas mídias informativas acabavam resultando nos índices de discriminação que iam desde a sua alimentação até a grave acusação de crime. O qual ocorrera no local de trabalho do “Zezinho” a simples suspeita e sua condição étnica já seriam mais do que motivo suficiente para torná-lo culpado ou principal suspeito de tal atitude, mas ao decorrer do fato foi provada a sua inocência. Outros fenômenos podem ser exemplificados como a geração de frases de cunho pejorativo como:

“Ah não, esses índios querem demais, tem muita terra, não querem trabalhar, índio é preguiçoso, índio é isso... Sabe ele falou na lata, e a gente tinha que se defender né? Não é assim também não, a questão de ser preguiçoso, a questão é que o nosso modo de vida é outro, nossa cultura é outra.”¹³

“Por exemplo lá tinha um colega meu que não concordava com negócio de cota, ele dizia que só beneficiava índio, só era índio e, no entanto, não é assim né? Para todo mundo é cota... nessas faculdades tudo é cota... se for para pensar.”¹⁴

Alcimar também apresenta fortes características de uma pessoa politizada já que este articula-se com outras etnias também e que reivindica direitos indígenas quando

¹² Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

¹³ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza

¹⁴ Gravação de 06 de maio de 2017 entrevistado: Alcimar da Costa Souza



necessário, e em seu relato ele demonstrou uma particularidade que pode ser observada em outros povos e culturas que apesar de ter uma relação nos dias atuais mais forte com outras religiosidades essa etnia ainda mantém seus costumes tradicionais como o exemplo o de ainda possuir objetos ritualísticos e cerimoniais da sua etnia e religião indígena.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. Pp. 155-201.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Pp. 169-186

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Pp. 21-36

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.

SOUZA, Hellen C. **Entre a aldeia e a cidade**: estudantes indígenas em contextos urbanos no Brasil. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.